

30
Anos

Ano XXIX - Vol. XXIX - (1): Janeiro/Dezembro - 2025


CIÊNCIA
Geográfica
ISSN Online: 2675-5122 • ISSN-L: 1413-7461
www.agbauru.org.br

INOVAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA E AS PRÁTICAS EXTENSIONISTAS NA EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE

INNOVATION IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY AND EXTENSION
PRACTICES IN EDUCATION IN THE BAIXADA FLUMINENSE

INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA Y PRÁCTICAS DE
EXTENSIÓN EN LA EDUCACIÓN EN LA BAIXADA FLUMINENSE

Clézio dos Santos¹

 0000-0001-8491-1802

cleziogeo@yahoo.com.br

¹ Professor Associado III de Ensino de Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8491-1802>. E-mail: cleziogeo@yahoo.com.br.

Artigo recebido em maio de 2025 e aceito para publicação em junho de 2025.



Este artigo está licenciado sob uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO: O artigo explora o ensino de geografia na Baixada Fluminense sobre o olhar a inovação pedagógica e das práticas extensionistas. O objetivo geral do texto é analisar a relevância da inovação pedagógica e das práticas extensionistas no ensino de geografia da Baixada Fluminense. A metodologia é de cunho qualitativo, articulando referencial teórico e análise de dois projetos de ensino de geografia. A inovação, nesta pesquisa, está diretamente relacionada à prática pedagógica do professor de geografia e entendida como ruptura paradigmática, atitude que possibilita reconfigurar conhecimentos de modo a anular ou diminuir a distância estabelecida pela Ciência Moderna entre senso comum e conhecimento científico. Já as práticas extensionistas, seguem parâmetros da interação dialógica e da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão na formação universitária. Inovação e as práticas extensionistas são fundamentais como ações formativas de futuros professores de geografia e demais áreas, seja na Baixada Fluminense, em outras regiões do país e em qualquer sistema formativo no mundo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Inovação. Extensão. Formação docente. Baixada Fluminense.

ABSTRACT: The article explores the teaching of Geography in the Baixada Fluminense from the perspective of pedagogical innovation and extension practices. The general objective of the text is to analyze the relevance of pedagogical innovation and extension practices in the teaching of geography in the Baixada Fluminense. The methodology is qualitative, articulating theoretical framework and analysis of two geography teaching projects. Innovation, in this research, is directly related to the pedagogical practice of the geography teacher and understood as a paradigmatic rupture, an attitude that makes it possible to reconfigure knowledge in order to annul or reduce the distance established by Modern Science between common sense and scientific knowledge. Extension practices, on the other hand, follow parameters of dialogic interaction and the inseparability of teaching, research and extension in university education. Innovation and extension practices are fundamental as training actions for future teachers of geography and other areas, whether in the Baixada Fluminense, in other regions of the country or in any training system in the world.

Keywords: Geography teaching. Innovation. Extension. Teacher training. Baixada Fluminense.

RESUMEN: El artículo explora la enseñanza de la Geografía en la Baixada Fluminense desde la perspectiva de la innovación pedagógica y las prácticas de extensión. El objetivo general del texto es analizar la relevancia de la innovación pedagógica y las prácticas de extensión en la enseñanza de la geografía en la Baixada Fluminense. La metodología es cualitativa, articulando el marco teórico y el análisis de dos proyectos docentes de geografía. La innovación, en esta investigación, se relaciona directamente con la práctica pedagógica del profesor de geografía y es entendida como una ruptura paradigmática, una actitud que permite reconfigurar el conocimiento con el fin de anular o reducir la distancia que la Ciencia Moderna establece entre el sentido común y el conocimiento científico. Las prácticas de extensión, por su parte, siguen parámetros de interacción dialógica y de inseparabilidad de la enseñanza, la investigación y la extensión en la educación universitaria. Las prácticas de innovación y extensión son fundamentales como acciones formativas para los futuros docentes de geografía y otras áreas, ya sea en la Baixada Fluminense, en otras regiones del país o en cualquier sistema de formación del mundo.

Palabras clave: Enseñanza de la Geografía. Innovación. Extensión. Formación docente. Baixada Fluminense.

INTRODUÇÃO

Procuramos destacar neste texto, o esforço realizado para efetivar o ensino de geografia de forma inovativa e extensionista na Baixada Fluminense dentro da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) por meio de diversos projetos conduzidos pela área de ensino de geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – campus Nova Iguaçu (IM/UFRRJ), a área, pertence ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG/UFRRJ) cadastrado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O GEPEG/UFRRJ tem sua sede no Laboratório Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão (LAMEPE) do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – campus Nova Iguaçu (IM/UFRRJ), Veja a logo do grupo na Figura 1.

A pesquisa conduzida pelo GEPEG/UFRRJ tem dois grandes desafios, entender e trabalhar o ensino de geografia associado a inovação pedagógica e as práticas extensionista. Esses desafios acompanham os diversos projetos de pesquisa, ensino e extensão dos(as) professores(as), alunos(a) de graduação nos cursos de Geografia e de Pedagogia e alunos(as) da pós-graduação em Geografia e Educação da UFRRJ. Respectivamente o Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFRRJ) e Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ).

A inovação, nesta pesquisa, está diretamente relacionada à prática pedagógica do professor de geografia e entendida como ruptura paradigmática (Boaventura Santos, 1979), atitude que possibilita reconfigurar conhecimentos de modo a anular ou diminuir a distância estabelecida pela Ciência Moderna entre senso comum e conhecimento científico; objetivo/subjetivo; corpo/mente; cognição/afetividade.

A inovação pedagógica na formação de professores é um tema atual, que instiga ao debate, visto que a universidade é pressionada, na atualidade, a implementar mudanças que, muitas vezes, a serviço de uma lógica mercadológica, ocorrem sem a participação efetiva e a compreensão dos sujeitos que vão implementá-la, por essa razão necessita ser trabalhada nas instituições de ensino superior, sobretudo no campo da formação docente.

Já as práticas extensionistas na pesquisa, seguem parâmetros da interação dialógica, da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, da interdisciplinaridade como proposta e procurando sempre impactos nas transformações social e na formação universitária.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 1. Logo do GEPEG/UFRRJ.

O objetivo geral do texto é analisar a relevância da inovação pedagógica e das práticas extensionistas no ensino de geografia da Baixada Fluminense.

A Baixada Fluminense, fica dentro da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, possui uma área de aproximadamente 2.800 km² é conhecidamente por ser uma das regiões mais carentes e violentas do país. Sua população atual é superior a 3,5 milhões habitantes (IBGE, 2022), distribuídos nos 13 municípios que compõem essa região: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica.

A metodologia é de cunho qualitativo, articulada às representações sociais na perspectiva de Jodelet (1989) e Moscovici (2003). A pesquisa analisa o conceito de inovação e prática docente, tendo como aporte teórico os seguintes autores: Cavalcanti (2005), Carbonell (2002), Cunha (2006), Libedinsky (2001), Zanchet; Cunha (2007), Lucarelli (2007), Ponstuschka; Paganelli; Cacete (2009), Masetto (2012), Santos (2021, 2025) e Santos; Cardoso; Queiroz (2022). Somando as referências teóricas, seguem a análise de dois projetos desenvolvidos no Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – campus Nova Iguaçu (IM/UFRRJ)

A área de ensino de geografia do Instituto Multidisciplinar e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG/UFRRJ), sempre priorizou organizar e realizar oficinas direcionadas a formação inicial e continuada de alunos e professores de geografia da Baixada Fluminense no Laboratório Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão (LAMEPE), nas salas de aula do IM/UFRRJ e nas escolas públicas da Baixada Fluminense, desde o ano de 2012, porém alguns momentos como no período da Covid-19, isso não foi possível. Mas, mesmo assim, se perpetuou duas formas de efetivar a inovação pedagógica e a prática extensionista, seja por meio das atividades presenciais como as oficinas que são retomadas após o período da pandemia da Covid-19 e como formas remotas realizadas durante o período da pandemia.

DA POLISSEMIA DO TERMO À INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NECESSÁRIA

O termo inovação é polissêmico e muda de acordo com o tempo, os contextos socioculturais, as conjunturas econômicas e políticas. Esse vocábulo origina-se do latim *innovatio*, e é formado por três componentes léxicos: in–nova–ção. Refere-se a renovar, fazer de novo, mudar, introduzir alguma novidade na legislação, nos costumes, na ciência ou nas artes. etc.

Em sua formulação mais usual, inovação designa mudança, novidade, dinamismo, renovação (Carbonell, 2002; Hannan; Silver, 2006; Libedinskny, 2001). Neste trabalho, vamos nos focar na análise da inovação da prática pedagógica no ensino superior.

Nesse contexto, inovação pedagógica é considerada como desenvolvimento de propostas pedagógicas que são demarcadas pela novidade em sua constituição e execução; tem relações com a construção de uma gestão inovadora na educação e com um compromisso da sociedade e das instituições educativas em desenvolver naturalmente propostas educativas comprometidas com o processo de mudanças sociais, valorização dos sujeitos e de suas aprendizagens, o que exige investimentos em recursos humanos e materiais, além de ações sociais, no desenvolvimento de projetos educativos. Inovação é definida como “um conjunto de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas” (Carbonell, 2002, p. 19). Por sua vez, Braga, Genro e Leite (1997,

p. 22) agregam a essa definição, a ideia de ruptura paradigmática: “Práticas que contenham em si mesmas o gérmen da ruptura com as lógicas que orientam os paradigmas da modernidade”.

Cunha e Lucarelli (2005) parecem concordar com esta perspectiva conceitual. Acrescentam as autoras que a inovação pedagógica implica ruptura com a forma tradicional de ensinar e aprender, um fazer reflexivo que exige o desenvolvimento de propostas educativas demarcadas pela gestão participativa, a reconfiguração dos saberes nos espaços educativos, a reorganização da relação entre teoria e prática, a perspectiva orgânica no processo de concepção, desenvolvimento e avaliação da experiência desenvolvida, a mediação e o protagonismo. Perante este argumento, inovar não significa apenas introduzir as novas tecnologias na sala de aula, as quais provocam uma modificação parcial e generalizada da aula, pois a inovação é gerada a partir de um movimento de ruptura de um paradigma de ciência e educação estabelecido, o tradicional e hegemônico em nossa sociedade (Cunha, 2006, 2009; Hannan; Silver, 2006).

Além desses aspectos já ressaltados, a inovação enquanto ruptura exige dos professores a luta contra um modelo político que impõe a homogeneização.

uma pedagogia da visão única, com padrões universais, capazes de uma comparabilidade competitiva que, por sua natureza, excluem formas alternativas de compreensão do conhecimento e de sua produção (Cunha, 2006, p. 18).

Em concordância com a perspectiva de inovação enquanto ruptura, Veiga e Castanho (2000, p. 163) sugerem o compromisso com a construção de um projeto coletivo, no qual se analise o contexto de sua realização, de modo que tanto as concepções como as estratégias de ensino priorizem a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes.

Essa concepção de inovação deve ser considerada como necessidade eminente nos espaços educacionais, frente aos novos rumos da sociedade e da educação no século XXI, uma tarefa coletiva que passa pela revisão das práticas educativas e objetiva a valorização da formação integral dos estudantes, o desenvolvimento de competências e habilidades destes sujeitos com vistas às exigências da sociedade atual. Logo, a inovação pedagógica se implica com as novas configurações de sociedade e de aprendizagem de adolescentes e adultos.

Tratar de inovação pedagógica relaciona-se à dimensão emancipatória da educação, dentro de um movimento de transição paradigmática, rumo ao paradigma emergente da ciência, o qual se postula como alternativa para a produção de um conhecimento prudente para uma vida decente, conhecimento esse que se apresenta de forma constitutiva por ser ao mesmo tempo científico e social (Sousa Santos, 2001).

Desse modo, a inovação pedagógica necessariamente reclama outra concepção formativa e de ação educativa por parte dos professores e estudantes, ancoradas na visão de mundo-sociedade-educação multidimensional, dialética e crítica, fundadas na criatividade, ação-reflexão-crítica e busca constante pela dinamização da aprendizagem.

Efetivamente, segundo Torres (2000), a constituição e valorização de estratégias docentes alternativas, inovadoras, são baseadas na criatividade, qualidade, competência e colaboração; volta-se para a dinamização de novos sentidos para a formação dos estudantes do século XXI. “Falar de inovação é falar de formação de atitudes, destrezas e hábitos, manejar estratégias, prever e superar resistências, conhecer processos, afrontar conflitos, criar climas construtivos, etc.” (Torres, 2000, p. 10).

A ação colaborativa e reflexiva dos docentes é fundante para o desenvolvimento de processos de ensino comprometidos com a formação integral do estudante no contexto do ensino superior, emoldurados por uma perspectiva sociocultural. A dinamização desses processos é possível, mas condicionado a investimentos em materiais e estratégias docentes e a uma política institucional de desenvolvimento profissional desses sujeitos.

PARA ENTENDER AS PRÁTICAS EXTENSIONISTAS

Nesse momento em que a curricularização² da extensão ocupa os debates na Universidade, dados os movimentos que colocam a própria ideia da unidade ensino-pesquisa-extensão e disputam tais sentidos da não fragmentação, entendemos que vale recuperar reflexões e provocações já colocadas por Paulo Freire. Ideias postas na década de 1970, e que apoiam nossa perspectiva de apresentar o que temos defendido politicamente nesta proposta de extensão universitária, ou seja, como nosso coletivo se conecta ao princípio da integralidade referido.

Paulo Freire, em sua obra “Extensão ou comunicação?”, dedica-se a denunciar um modo de operar pela extensão que se fundaria numa concepção de transmissão vertical do saber. Tal imagem se desvela desde a própria imersão que o autor faz para desvelar essa expressão. Assim, indica que:

O termo extensão se encontra em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação etc. E todos estes termos envolvem ações que, transformando o homem em quase ‘coisa’, o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar, como veremos, a formação e a constituição do conhecimento autênticos. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações (Freire, 1977, p. 22).

A semântica que a palavra carrega é dotada desse sentido, “estender algo a alguém”, evidenciando uma lógica, localizando um lugar de fala, que ao fim e ao cabo, “resolve” a negação do direito ao acesso e carrega a marca colonizadora que marca profundamente os desiguais processos educativos nesse país. Notadamente, o que considera que o “outro”, o que recebe o que lhe é “estendido” desde um lugar passivo, de expectador, vazio para o depósito do conhecimento acumulado por outros. Freire afirma que “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos” (Freire, 1977, p. 27) e é nesse caminho que o diálogo se impõe como método, para uma concepção de educação como emancipadora, como prática da liberdade.

Compreender a extensão não como “conquista, assistencialismo, invasão ou manipulação”, mas como necessidade própria da Universidade para realizar sua função social em plenitude, formar qualitativamente, inserir-se de fato na sociedade que a sustenta e a qual ela serve, se traduz para Freire, de forma menos contraditória, na expressão “comunicação”. Esta entendida numa horizontalidade dialógica entre os sujeitos que educam e educam-se na medida que acionam esse processo, fundamentalmente mediatizados pela (s) realidade (s). Essa concretude, o centro na materialidade da vida, pensamos com Freire, que seja instituinte numa extensão como mão dupla. Uma concepção política que afirma ao lado de quem estamos (e não é nem das práticas assistencialistas e nem do mercado) ao produzirmos conhecimentos. Trata-se, portanto de recolocar o próprio caráter público de tais saberes.

Nossos projetos de ensino de geografia, presentes neste texto, projeto *A Inovação Pedagógica e a Formação de Professores de Geografia na Baixada Fluminense: das práticas disciplinares à transdisciplinaridade* e projeto *A poesia geográfica como recurso de aprendizagem e empoderamento na Baixada Fluminense*, constituem-se práticas inovativas e extensionistas. Ambos, constituem-se em cartas de anúncio às ideias freirianas às quais

nos vinculamos. Queremos conversar, seguir formando e nos formando como professoras e professores que atuam/atuarão no Ensino Fundamental. Docentes que, não sendo formados especificamente em geografia, são responsáveis por uma gama de “conteúdos escolares” cujos objetivos são primordiais para o desenvolvimento do raciocínio espacial pelos discentes no início de seu processo de escolarização. No estudo, na escuta, na troca, construímos um conjunto de ações que permitem discutir o lugar do aprender e ensinar geografia com crianças, conjugando a leitura da palavra à leitura de mundo, da vida, do espaço vivido.

É esse encontro, esse acontecimento dialógico, que permeia, que orienta essa extensão/comunicação, no qual ensinamos tanto quanto aprendemos. Encontro como prática social que é essencialmente espacial, não só porque, ao menos no modo como defendemos, exige o corpo, a localidade, a superfície física, mas principalmente porque estiliza também essa forma e se coloca no campo da interação produtiva, na simultaneidade de histórias até agora (Massey, 2008).

Tal tarefa, nos envolvendo, nos responsabiliza com a dimensão pública da educação, da produção de conhecimento. Assim respondemos coletivamente à questão que intitula a seção: a quem serve nosso conhecimento? À educação popular, socialmente referenciada, com viés crítico e horizonte emancipatório para todos nós, trabalhadores.

RELATOS SOBRE PRÁTICAS INOVATIVAS E EXTENSIONISTAS EM ENSINO DE GEOGRAFIA NA BAIXADA FLUMINENSE

A seguir descrevemos os resultados que envolvem dois projetos de ensino de geografia realizados por integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG/UFRRJ), o projeto *A Inovação Pedagógica e a Formação de Professores de Geografia na Baixada Fluminense: das práticas disciplinares à transdisciplinaridade* e o projeto *A Poesia Geográfica como Recurso de Aprendizagem e Empoderamento na Baixada Fluminense*.

Projeto *A Inovação Pedagógica e a Formação de Professores de Geografia na Baixada Fluminense: das práticas disciplinares à transdisciplinaridade*

O projeto *A Inovação Pedagógica e a Formação de Professores de Geografia na Baixada Fluminense: das práticas disciplinares à transdisciplinaridade*, teve o apoio do edital n.º 210.148/2018 – Programa Apoio às Instituições de Ensino e Pesquisa Sediadas no Estado do RJ- 2018 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ e foi executado nos anos de 2019 a 2021.

A equipe do projeto foi composta pelo professor Clézio dos Santos (coordenador), pelas professoras Cristiane Cardoso e Edileuza Dias de Queiroz, alunos e alunas dos cursos de licenciatura em Geografia e licenciatura em Pedagogia e da linha 2 Território, Ambiente e Ensino de Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO). Todos os pesquisadores do Grupo de Estudos Integrados em Ambiente: Educação e Geografia (GEIA), do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG), e do Laboratório Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão (LAMEPE). Essas instituições são todas ligadas ao Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus Nova Iguaçu, localizado na Baixada Fluminense.

O projeto inicial pretendia organizar e realizar de oficinas direcionadas a formação inicial e continuada de professores de geografia da Baixada Fluminense realizadas no Laboratório de Ensino

Multidisciplinar do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ e nas escolas públicas no ano de 2020. Essas oficinas seriam realizadas em eventos já organizados pelo curso de graduação em Geografia do IM/UFRRJ destacando a Semana Acadêmica de Geografia, a Semana de Integração e os Ciclos de Oficinas de ensino, pesquisa e extensão. Esses eventos são realizados anualmente e os ciclos são realizados semestralmente, porém em 2020 fomos assinalados pela pandemia do Covid-19, o que nos fez reorganizar nossa proposta e oferecemos ciclos de palestras voltadas a formação inicial e continuadas de professores de geografia e em geral. Os ciclos foram denominados de Ciclo de Palestras sobre Ensino de Geografia, Geografia Física e Climatologia: novas formas de dialogar em tempos de isolamento.

No 1º ciclo foram organizadas 7 palestras, iniciadas a partir do dia 28/4. (toda terça-feira, às 10 horas da manhã). As palestras foram cadastradas na plataforma da extensão da UFRRJ e projetadas no canal do Youtube do Grupo de Estudos Integrados em Ambiente, Geografia e Ensino (GEIA), denominado GEIA UFRRJ. Tudo isso foi um grande desafio para nós, aprender a lidar com toda essa tecnologia que não fazia parte do nosso cotidiano, mas que era o recurso necessário para esse momento.

O 2º ciclo trouxe novidades, entre elas a parceria do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG), grupo de pesquisa parceiro do Curso de Geografia e Pedagogia, Instituto Multidisciplinar, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Foram 5 palestras, com pesquisadores do Brasil, voltamos a salientar que esse momento que vivemos trouxe isso de bom, podemos dialogar com pesquisadores do Brasil e do mundo, algo que no mundo antigo, não teríamos condições de fazer. Esse pode ser um legado importante para o futuro, essa forma de dialogar e poder estar perto de pessoas que admiramos tanto e que as vezes a gente só conseguia contato nos eventos acadêmicos.

O 3º ciclo só consolida as nossas ações, ampliamos os debates e inserimos o formato de mesas, trazendo dois ou mais pesquisadores para o debate do dia. Foram mais 07 mesas organizadas.

No 4º ciclo, buscamos temáticas próximas ao que estávamos debatendo e a vontade dos participantes. Passamos a chamar também pesquisadores do Brasil, tentando buscar visões e vivências de diferentes partes (norte, sul, nordeste, sudeste e centro-oeste). Foram organizadas 05 mesas.

Fechando o ano, com o 5º ciclo, marcando a internacionalização do projeto com a participação de pesquisadores de outros países como a Argentina e Colômbia. Nesse ciclo foram organizadas 06 mesas. Totalizamos em 2020, 5 ciclos.

Em 2021 seguimos com outros 4 ciclos: 6º, 7º, 8º e 9º, com outras 17 palestras e mesas redondas, também transmitidos pelo canal do Youtube do Grupo de Estudos Integrados em Ambiente, Geografia e Ensino (GEIA), denominado GEIA UFRRJ.

Foram 47 encontros (mesas redondas e/ou palestras) distribuídos ao longo de 9 ciclos (2020-2022), com a participação de aproximadamente 75 palestrantes, sendo 72 de Instituições Brasileiras e 03 de Instituições Estrangeiras. O Quadro 1 sintetiza o perfil dessas atividades, trazendo o quantitativo de todas as Instituições por Estado e Região Administrativa que participaram das lives dos ciclos de palestras, bem como o país.

Quadro 1. Instituições que participaram das *Lives*.

País / Região		Instituições	Estado	Quantitativo
Brasil	Centro-Oeste	UNEMAT, SEDUC-DF.	MT, DF	2
	Norte	UFPA, UNIR, IFRO.	RO, PA	3
	Nordeste	UFPB, UFBA, UNEB, UFPI, UFC, UFS, UFPE, UFPA.	PB, BA, PI, CE, SE, PE.	8
	Sul	UFSM, UNIPAMPA, UFRGS, UNIOESTE, UFPR.	RS, PR.	6
	Sudeste	UFRRJ, UFRJ, UFF, UERJ, IBC, INES, SEEDUC-RJ, USO, UNESP, UFJF, UFSJ, UNIFAL, UFV.	RJ, SP, MG.	47
Argentina		Universidad de Buenos Aires	Buenos Aires	1
Colômbia		Universidad de Córdoba	Córdoba	1
Portugal		Universidade de Coimbra	Coimbra	1

Fonte: Santos, Cardoso e Queiroz (2022).

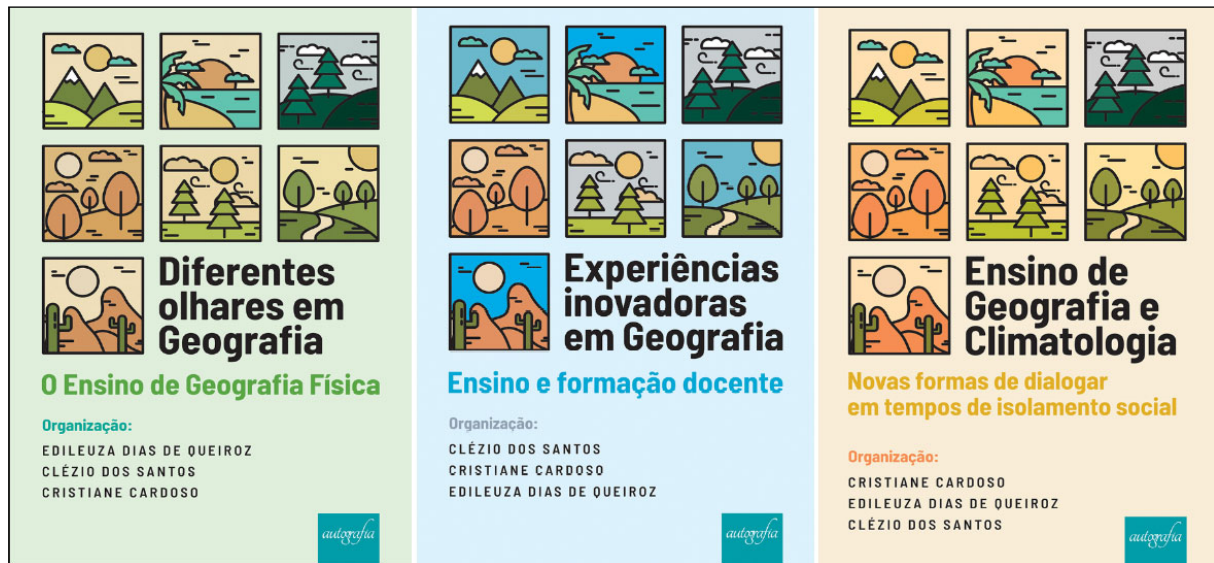
As atividades contam em média com 100 pessoas ao vivo, porém as visualizações posteriores são grandes, totalizando mais de 11.600 visualizações. algumas palestras com mais de 1.000 visualizações, temos mais de mil inscritos no canal do GEIA UFRRJ, são pessoas do Rio de Janeiro e de vários locais do Brasil e do mundo.

Apesar do destaque que as *lives* tiveram tanto no projeto, como para todo o ensino remoto no ano de 2020, temos que entender a inovação pedagógica para além das *lives*.

A inovação em educação é um processo que está para além da incorporação da tecnologia nas práticas existentes, apesar das evidências que mostram ser esta uma tendência dominante, cuja maior manifestação se deverá observar não só nas mudanças estabelecidas no pensamento pedagógico e nas práticas da rede de atores, alunos e professores, mas também nos modelos do pensamento organizacional das instituições, considerando a importância deste para o enquadramento e sustentabilidade das práticas de mudança e inovação (Dias, 2013, p. 7).

O autor, nos atenta que para pensar a pedagogia para a mudança na concepção e desenvolvimento dos ambientes de aprendizagem emergentes, é uma questão cada vez mais premente, em particular, para a educação aberta e em rede na sociedade digital a qual nos enquadrámos, mesmo que não seja de forma homogênea.

Grande parte das *lives* foram transformadas em textos pelos palestrantes e organizados pelos docentes Clézio dos Santos, Cristiane Cardoso e Edileuza Dias de Queiroz (pesquisadores do GEIA/UFRRJ e GEPEG/UFRRJ), em temáticas, resultando numa trilogia de livros denominados: Ensino de Geografia e Climatologia: novas formas de dialogar em tempos de isolamento social (lançado em 2021); Diferentes olhares em Geografia: O Ensino de Geografia Física; e Experiências inovadoras em Geografia: Ensino e formação docente (lançados em 2022) . Veja as capas dos livros na Figura 2.



Fonte: Santos, Cardoso e Queiroz (2022).

Figura 2. Livros organizados pelos GEIA/UFRRJ e GEPEG/UFRRJ.

A trilogia destacada acima, junto com as *lives* disponíveis no canal do Youtube GEIA UFRRJ, associa dois elementos importantes no contexto formativo docente em Geografia, permitindo que as temáticas abordadas podem ser acompanhadas pela linguagem oral e pela linguagem escrita, permitindo uma relação crítica entre as duas linguagens tornando-se uma possibilidade de inovação pedagógica no campo formativo. Destacamos o terceiro volume, por se tratar mais diretamente sobre inovação pedagógica em geografia.

Em sentidos múltiplos, tradição e inovação, condensam um desafio na atualidade no que tange à formação de professores no Brasil frente aos embates da atual situação política e educacional, incluindo a formação de professores de geografia. Inúmeras questões vêm à tona nesse momento, entre elas destacamos duas: O que é preciso cultivar, preservar, manter no processo formativo de professores? Em que se pode ou se deve inovar, criar, inventar no processo formativo de professores? Tais questões acompanham desde há muito a formação de professores (Santos; Cardoso; Queiroz, 2022, p. 14).

A necessidade de constituir caminhos e respostas é maior hoje, sem perder o fio condutor histórico da formação de professores e dos desafios já vivenciados. A socialização dos ciclos de palestras e os textos reunidos na trilogia permitem uma análise da perspectiva inovadora destas práticas onde qualquer ação sempre exerce uma reação, e que nestes espaços se constroem mudanças relacionadas a uma concepção de ensino humana e crítica, capaz de romper com culturas pedagógicas alicerçadas na repetição, memorização e passividade do sujeito.

A inovação pedagógica necessariamente reclama outra concepção formativa e de ação educativa por parte dos professores e estudantes, ancoradas na visão de mundo-sociedade-educação multidimensional, dialética e crítica, fundadas na criatividade, ação-reflexão-crítica e busca constante pela dinamização da aprendizagem (Santos, 2021b, p. 301).

A concepção formativa inovadora passa a ser um desafio necessário, seja na formação inicial ou na continuada, fazendo parte da agenda de discussão e reflexão dos profissionais da educação.

Projeto *A Poesia Geográfica como Recurso de Aprendizagem e Empoderamento na Baixada Fluminense*

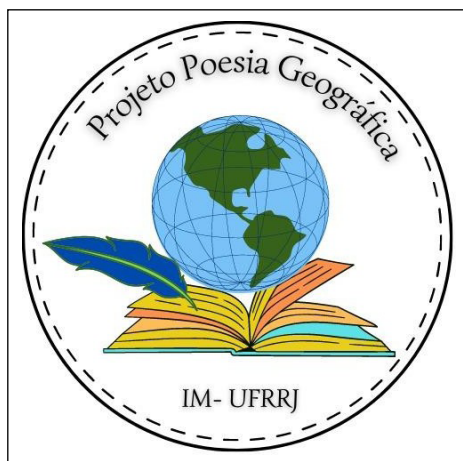
O projeto *A poesia geográfica como recurso de aprendizagem e empoderamento na Baixada Fluminense*, coordenado pelo professor Clézio dos Santos e contando com os discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ: Ítalo José Florentino Gonzaga da Silva, Leila Márcia da Silva Toledo Carneiro, Paulo Augusto da Silva Junior, Sonia Duarte Loureiro e Larissa Chaves Araújo da Silva, tem organizado desde 2022 algumas oficinas voltadas para a comunidade de Nova Iguaçu/RJ. Vamos descrever uma atividade realizada no ano de 2022.

A atividade foi a oficina *A poesia geográfica como instrumento empoderador da Baixada Fluminense* foi realizada na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia UFRRJ 2022 organizada pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PROEXT/UFRRJ).

A poesia se apresentou, ao longo da História, como um instrumento que transcendia a existência humana para um outro nível. Seja como instrumento artístico – ou até terapêutico –, as contribuições da arte escrita dispensam apresentações. É nesse sentido que esta oficina visa aplicar os conceitos educacionais da arte escrita como ferramenta que, unida aos conceitos geográficos, resgate o fascínio pela cultura da Baixada Fluminense nas pessoas.

A oficina tem o seu foco em estudantes do ensino médio, e em especial, os discentes do curso de formação de professores (Curso Normal), ressaltando o papel que estes indivíduos exercem na sociedade, especialmente na cultura da sua localidade por meio da leitura e da arte escrita.

A oficina ofertada faz parte do projeto Poesia Geográfica organizada pelos alunos do curso de Pedagogia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Veja a logomarca do projeto na Figura 3.



Fonte: Autor, 2025.

Figura 3. Logomarca do projeto Poesia Geográfica.

O objetivo principal da oficina é a produção de poesias geográficas feita por alunas e alunos do ensino médio sobre a Baixada Fluminense.

A metodologia é qualitativa, amparada na abordagem observacional dos(as) alunos(as). A oficina terá como pontos a serem estudados a ausência de valorização cultural da Baixada Fluminense,

a ausência de mecanismos motivadores às artes escritas nas escolas de ensino médio, o papel da arte escrita no aprendizado e na sociedade contemporânea, o papel da arte escrita no magistério e a geografia como ferramenta auxiliadora e social dos contextos internos (e externos) da região onde vivemos, sobretudo, os contextos culturais.

Dividiu-se a programação da oficina em 3 etapas:

A primeira etapa, consiste na montagem da proposta da oficina e seleção de pessoas interessadas em participar.

A segunda etapa, já referente à ação do trabalho, consiste na visita a escolas de ensino médio e estabelecerem um acordo prévio para a participação da oficina no dia 18/10/2022 no Instituto Multidisciplinar da UFRRJ e as autorizações necessárias, das escolas e inscrição da proposta da oficina da SNCT 2022.

A terceira etapa é referente à ação da oficina, relacionados tanto nos pequenos encontros semanais nas escolas antes e no dia da execução da oficina no dia 18/10/2022, para a produção do material artístico.

Nesta oficina, busca-se por meio da disponibilização dos indivíduos as condições que ofereçam a estes, a motivação, os mecanismos e os benefícios que a arte escrita tem a oferecer à sociedade contemporânea, sobretudo, no que diz respeito ao grave problema atual da desvalorização das localidades localizadas na baixada fluminense.

Com isso, a oficina visou construir na sociedade a importância social e artística que a Baixada Fluminense possui, através da busca de alunos do ensino médio que estejam naturalmente ligados à temática, assim como etapas posteriores, que envolverão uma oficina e uma divulgação dos itens trabalhados nas redes sociais, nas escolas dos alunos participantes e na própria universidade.

E por fim, conhecer a arte iniciante destes alunos e levantar meios que norteiem os mesmos à um papel de contribuição na sociedade, alcançável graças ao papel histórico que a arte escrita possui na humanidade, que também servirá como mecanismo motivador à prática poética dos indivíduos participantes.

A oficina A poesia Geográfica como instrumento empoderador da Baixada Fluminense ocorreu das 10:00 às 12:00. Para essa oficina além dos alunos graduandos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, contou com a participação de 42 alunos(as) da Escola Estadual Figueiras e 40 alunos(as) (Figura 4) e 35 alunos do CIEP 358 Alberto Pasqualini.



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Figura 4. Alunos e alunas da Escola Estadual Figueiras em frente ao IM/UFRRJ.

Devido ao número grande de alunos e alunas realizamos a oficina em duas salas de aula (turma A e turma B) no sistema de rodízio da equipe proponente. A oficina foi gratificante, despertando acima de tudo, um olhar diferenciado sobre a Baixada Fluminense a partir da poesia feita por alunos(as) do ensino médio e dos alunos(a) de graduação (Figuras 5 e 6).



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Figura 5. Alunos e alunas da Escola Estadual Figueiras e do CIEP 358 Alberto Pasqualini fazendo a oficina na turma A.

Ver as salas cheias de alunos(as) da educação básica em sua maioria das redes públicas da Baixada Fluminense na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia UFRRJ 2022 e nas demais ocorreram depois nos anos de 2023 e 2024, nas atividades realizadas nos campi da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro nos municípios de Seropédica, Nova Iguaçu, Três Rios e Campos de Goytacazes, nos enchem de alegria e expectativa de diálogo constante entre a educação superior e a educação básica, podendo auxiliar no esperar de alunos da escola básica que pela primeira vez visita uma universidade e pode sonhar em ocupar uma vaga e por outro lado em futuros profissionais em formação que são desafiados a efetivar e participar de um processo de construção de conhecimento.



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Figura 6. Membros da equipe ministrando a oficina.

A retomada das oficinas voltadas para alunos de escolas do entorno do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal do Rio de Janeiro – campus Nova Iguaçu (IM/UFRRJ) reforça o poder das práticas extensionistas no campo formativo amplo, extrapolando os muros da universidade e tecendo diálogos com a comunidade estudantil do entorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 revirou nosso mundo, as dinâmicas mudaram, o ensino se transformou, o distanciamento aumentou e nos legou práticas pedagógicas ainda não efetivadas. Apesar de tudo de ruim que aconteceu no ano de 2020, conseguimos nos aproximar ainda mais através das tecnologias. Os ciclos de palestras em Ensino de Geografia, Geografia Física e Climatologia passaram a ser transmitidos por plataformas online e serem disponibilizados no canal de YouTube GEIA UFRRJ, o que facilitou o diálogo com os que estão na formação inicial como alunos do curso de licenciatura em Geografia da UFRRJ, bem como alunos de outros cursos e os que estão na formação continuada, como os professores de geografia da Baixada Fluminense e demais regiões brasileiras e em outros países. Esse conjunto de atividades podem ser consideradas ações extensionistas.

Os contextos de aprendizagem e conhecimento na sociedade digital, entendidos como o momento das lives, formam-se na teia de relações elaborada a partir dos processos de participação e partilha, cujo maior impacto se observa nas práticas de mediação cognitiva e social realizadas através das interações de aprendizagem colaborativa entre os membros da comunidade. Os membros, podemos identificar como sendo os palestrantes convidados, os moderadores e os participantes on-line.

Ganha destaque também, as modalidades emergentes da mediação como forma de moderação, tendo esta última um novo sentido para o desenvolvimento organizacional e para a sustentabilidade das comunidades de aprendizagem, nas formas da liderança partilhada e distribuída na atividade da

comunidade e nas redes de conhecimento. O papel dos moderadores que nos ciclos e em cada atividades oscilou entre 3 e 4 moderadores, foram decisivos para o desenvolvimento organizacional e para a sustentabilidade das comunidade de aprendizado edificada por meio dos grupos de pesquisa envolvidos (GEIA/UFRRJ e GEPEG/UFRRJ) e acima de tudo o canal de divulgação no YouTube (GEIA UFRRJ).

As lives, permitiram entender a realidade e dinâmicas de diversos alunos e professores que participam dos ciclos no Brasil e ao redor do mundo. Foi muito interessante notar as particularidades, desafios e propostas que surgiram em palestras e mesas redondas. Esse intenso diálogo, contribuiu muito para constituir uma inovação pedagógica no campo formativo. Uma inovação levando em conta a concepção de Carbonell (2002), um conjunto de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e acima de tudo práticas pedagógicas dos sujeitos envolvidos.

Já a retomada da presencialidade após o período da Covid-19, nos possibilita o contado mais direto com a comunidade do entorno da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) campus Nova Iguaçu. Num movimento que envolve professores(as) e alunos(as) tanto da universidade como da escola básica. Um movimento que se materializa como processo formativo e construção dialógica do conhecimento.

A analisar a relevância da inovação pedagógica e das práticas extensionistas no ensino de geografia da Baixada Fluminense, reforçamos a inovação, está diretamente relacionada à prática pedagógica do professor de geografia e entendida como ruptura paradigmática, atitude que possibilita reconfigurar conhecimentos de modo a anular ou diminuir a distância estabelecida pela Ciência Moderna entre senso comum e conhecimento científico, num diálogo necessário para a efetivação da construção inovativa do conhecimento.

Já as práticas extensionistas, seguiram os parâmetros da interação dialógica e da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão na formação universitária, da interdisciplinaridade como proposta e procurando sempre impactos nas transformações social e na formação universitária. Discentes envolvidos nas ações extensionistas estão em contato direto com sua comunidade e a possibilidades de efetivamente auxiliá-la, efetivando o dialogismo por meio da ação.

A inovação pedagógica e as práticas extensionistas são fundamentais como ações formativas de futuros professores e professoras de geografia e demais áreas, seja na Baixada Fluminense, em outras regiões do país e em qualquer sistema formativo no mundo.

NOTA

2 Curricularização ou integralização da extensão indica a obrigatoriedade de inclusão de atividades extensionistas no currículo dos Cursos, considerando a indissociabilidade do ensino e da pesquisa, a partir da Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Censo Demográfico IBGE 2022**. Brasília, IBGE, 2022.
- CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia, Alternativa, 2002.
- CUNHA, M. I. da. **Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006.

- CUNHA, M. I. da. Trajetórias e lugares da formação do docente da educação superior: do compromisso individual à responsabilidade institucional. **Revista Brasileira de formação de Professores – RBF**. Vol. 1, n. 1, maio 2009, p. 110-128.
- DIAS, P. Inovação pedagógica para a sustentabilidade da educação aberta e em rede. **Educação, Formação & Tecnologias**, 6 (2), 2013, 4-14 [Online], disponível a partir de <http://eft.educom.pt>.
- FREIRE, P. Extensão ou comunicação? São Paulo, Paz e Terra, 1977.
- HANNAN, A.; SILVER, H. **La innovación en la enseñanza superior: enseñanza, aprendizaje y culturas institucionales**. Madrid: Narcea, 2006.
- JODELET, D. **Folie et représentations sociales**. Paris: PUF, 1989
- LIBEDINSKY, M. **La innovación en la enseñanza**. Diseño y documentación de experiências de aula. Buenos Aires: Paidós, 2001.
- LUCARELLI, E. Pedagogia universitária e inovação. In: CUNHA, M. I. da (Org.). **Reflexões e práticas em pedagogia universitária**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- MASETTO, M. (Org.). **Inovação no ensino superior**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da especialidade**. Trad. Hilda Pareto Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.
- PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I; CACETE, N. H. Representações cartográficas: plantas, mapas e maquetes. In PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 323-335.
- SANTOS, C. Inovação pedagógica, práticas docentes e ações extensionistas em ensino de geografia. In SANTOS, C. (Org.). **Ensino de Geografia Ibero-Americano: desafios atuais**. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2025, p.104-119.
- SANTOS, C. Inovação Pedagógica e Formação de Professores de Geografia. In: DICKMANN, I; BOREL, M. (Org.) **União pela Educação**. Veranópolis: Diálogos Freirianos, 2021b, p. 297-310.
- SANTOS, C.; CARDOSO, C; QUEIROZ, E. D. Apresentação. In SANTOS, C.; CARDOSO, C; QUEIROZ, E. D. (Org.) **Experiências inovadoras em Geografia: Ensino e formação docente**. Rio de Janeiro, Editora Autografia, 2022, p.13-17.
- SOUZA SANTOS, B. de. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento. 1979.
- SOUZA SANTOS, B. de. **Acrítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2000.
- SOUZA SANTOS, B. de. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências**. Revisitado. São Paulo: Cortez, 2001.
- TEDESCO, J. C. **Educar na Sociedade do Conhecimento**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006.
- TORRES, V. Planejamento de uma aula com uso de computador como recurso multimeio. **Tecnologia Educacional**, v. 29, n.150/151, p. 38-41, Rio de Janeiro, jul./dez., 2000.
- VEIGA, I. P. A.; RESENDE, L. M. G.; FONSECA, M. Aula universitária e inovação. In: VEIGA, I. P. A.; CASTANHO, M. E. L. M. (Orgs). **Pedagogia universitária: a aula em foco**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- VEIGA, I. P. A.; CASTANHO, M. E. L. M. (Orgs). **Pedagogia universitária: a aula em foco**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- ZANCHET, B.; CUNHA, M. I. Políticas da educação superior e inovações educativas na sala de aula universitária. In: CUNHA, M. I. (Org.). **Reflexões e práticas em pedagogia universitária**. Campinas, SP: Papirus, 2007.